

NOVAS FRONTEIRAS

Uso de variedades resistentes à ferrugem não dispensa práticas de prevenção da doença

A Embrapa apresentou, em maio, a cultivar de soja BRSO 7560, que apresenta resistência à ferrugem asiática. A novidade vem na esteira de outros lançamentos semelhantes, como as variedades desenvolvidas pela Fundação MT, TMG 801 e TMG 803, anunciadas no ano passado. São excelentes notícias para os produtores da oleaginosa, que, no entanto, não podem abrir mão das demais ferramentas de manejo da doença, como o controle químico e o vazio sanitário.



PULSAR IMAGENS / DELEFM MARTINS

Foram necessários 13 anos de pesquisas para o desenvolvimento da cultivar BRSO 7560, projeto que envolveu a Embrapa e a Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado de Goiás, Seagro. A nova cultivar foi avaliada em estufas e em condições de campo, e apresentou reação de resistência à ferrugem, resultando na formação de lesões escuras. “Esse padrão de reação reduz a esporulação e, como consequência, a multiplicação do fungo causador da doença, o que irá facilitar o manejo da lavoura”, explica o pesquisador José Francisco Ferraz de Toledo, da Embrapa Soja.


Informações da Embrapa indicam que as sementes da BRSO 7560 estarão disponíveis para sojicultores de Goiás, Minas Gerais, Distrito Federal e norte de São Paulo entre 2010/2011. Já na próxima safra, que começa a ser cultivada em outubro, outra novidade deve beneficiar os produtores do Mato Grosso. Trata-se das variedades da soja inox, TMG 801 e TMG 803, desenvolvidas pela Fundação MT, em parceria com a empresa Tropical Melhoramento Genético. Enquanto, a TMG 801 é de ciclo precoce, o que possibilita a semeadura de milho safrinha, a TMG 803 é de ciclo semitardio, sendo alternativa para o escalonamento de colheita.

MANEJO PREVENTIVO

Harley Sales, assessor agrônomo da Bunge Fertilizantes, considera a principal vantagem das novas cultivares o fato de combinarem a resistência à doença com bom potencial produtivo. Ele alerta para a possibilidade de

quebra de resistência, devido à alta variabilidade do fungo *Phakopsora pachyrhizi*, agente causal da doença. “O trabalho de melhoramento genético é contínuo. Tanto que a Fundação MT está envolvida no desenvolvimento da segunda e terceira gerações da soja inox”, comenta. “São tecnologias a mais para ajudar no controle da ferrugem, mas que não dispensam as práticas de prevenção tradicionais”.

Vistorias frequentes na lavoura colaboram para a detecção precoce da ferrugem. Os sintomas começam a aparecer nas folhas inferiores da planta e são caracterizados por minúsculos pontos escuros (de no máximo dois milímetros de diâmetro) no tecido sadio. No lado inferior, podem ser observadas saliências que correspondem a estruturas de frutificação do fungo (urédias). São essas saliências que diferenciam a ferrugem de outras doenças.

“O monitoramento constante garante a aplicação do fungicida preventivamente ao momento de maior dano econômico da doença”, diz Harley. As reaplicações de fungicidas são determinadas, geralmente, pelo estágio em que a doença é detectada e pelo efeito residual do produto utilizado. Outra estratégia de controle adotada em diversos estados é o vazio sanitário, período de 60 a 90 dias sem plantas hospedeiras, de forma a reduzir a quantidade de inóculo (esporos) no campo. O vazio está baseado no fato de que, para sobreviver, o fungo necessita de hospedeiros alternativos ou da própria soja, por meio das chamadas plantas voluntárias, que nascem a partir de grãos perdidos na colheita. 

PREOCUPAÇÃO NACIONAL

A ferrugem asiática é hoje o maior desafio da sojicultura nacional. Constatada no Brasil pela primeira vez em 2001, a doença se disseminou rapidamente e, nas últimas safras, foi identificada em quase todas as regiões produtoras. Os prejuízos são imensos: segundo o Consórcio Antiferrugem, que reúne instituições públicas e privadas da cadeia produtiva, os custos para os produtores são de cerca de US\$ 2 bilhões a cada ciclo. A doença é considerada extremamente agressiva: uma vez constatados os sintomas iniciais, seu combate torna-se complicado, especialmente sob condições climáticas que favoreçam a infestação. Daí a importância do uso de técnicas de controle, as quais se somam agora as cultivares resistentes à doença.

Os agricultores de Israel dão **boas-vindas às corujas**, esperando que elas deem fim aos roedores, prejuízo no plantio.

A opção pelo controle natural faz parte de uma campanha do governo israelense para reduzir o uso de pesticidas nas plantações. *Fonte: Revista Globo Rural, junho/09.*



Segundo a Conab, na safra 2008/2009 o Brasil deverá produzir 51,9 milhões de toneladas de **milho** e exportar oito milhões de toneladas cultivadas em 14,4 milhões de hectares. O **sorgo** deve alcançar 1,8 milhão de toneladas, em 807 mil ha. A área plantada aumentou 48,6% em relação ao resultado obtido em 2000, que foi de 543,2 mil hectares.

SUSTENTABILIDADE




Renda extra com a mata em pé

Quem possui áreas de preservação maiores do que o determinado pela lei pode negociar o excedente com proprietários que delas necessitem. Isso é possível por meio de dois mecanismos: a servidão ambiental e a servidão florestal. Conheça as principais características de cada modalidade no último artigo da série "Novas oportunidades de negócios para o produtor rural". As informações integram a cartilha "Responsabilidade Ambiental na Produção Agrícola", iniciativa Bunge, em parceria com o Ministério do Meio Ambiente.

Servidão ambiental – É criada mediante a renúncia voluntária do proprietário rural, em caráter permanente ou temporário, total ou parcial, ao direito de uso, exploração ou supressão de recursos naturais existentes na sua propriedade, com a anuência do órgão ambiental competente. Os locais selecionados para constarem como de servidão ambiental não podem ser sobrepostos às Áreas de Preservação Permanente, APP, e de Reserva Legal, RL, estando sujeitos às mesmas limitações de uso ou exploração da vegetação que a RL e ao mesmo processo de criação. A vantagem para o proprietário rural é poder negociar essa área com outros proprietários rurais, passando a ter uma receita sobre ela. Mais informações podem ser obtidas no Ibama, ou no órgão ambiental de sua região.

Servidão florestal – Similar à servidão ambiental, o proprietário rural poderá voluntariamente renunciar, em caráter permanente ou temporário, a direitos de supressão ou exploração da vegetação

nativa, localizada fora da RL e da área com vegetação de preservação permanente. Os locais selecionados para constarem como áreas de Servidão Florestal não podem ser sobrepostos às APP e de RL, estando sujeitos às mesmas limitações de uso ou exploração da vegetação que a RL e ao mesmo processo de criação. Essa área poderá ser negociada mediante Cota de Reserva Florestal, CRF, título representativo de vegetação nativa sob regime de servidão florestal, de Reserva Particular do Patrimônio Natural ou Reserva Legal instituída voluntariamente sobre a vegetação que exceder os percentuais estabelecidos no Código Florestal, isto é, na RL.


Apesar da falta de regulamentação, esse mecanismo possibilitará aos proprietários de áreas que apresentam maciços florestais, negociá-las com outros proprietários carentes delas, passando a ter, assim, uma opção de renda. Mais informações podem ser obtidas no Ministério do Meio Ambiente ou no órgão ambiental de sua região. 

TECNOLOGIA

EVENTOS PROMOVEM ILPF

Como resultado da parceria entre Bunge e Embrapa para a disseminação do sistema de integração lavoura-pecuária-floresta, ILPF, foram realizados, no primeiro semestre, eventos em diversas regiões do Brasil. Cursos, treinamentos, palestras, seminários e Dias de Campo estiveram entre as atividades promovidas, todas com foco nesse modelo de diversificação das atividades agropecuárias, que traz como resultados a sustentabilidade econômica, ambiental e social.

Para o segundo semestre, mais eventos estão programados. A disseminação da ILPF acontece também por meio do *Prosa Rural*, programa de rádio da Embrapa, distribuído gratuitamente para emissoras do país. É possível ouvir e ler os conteúdos dos programas pela internet, acessando: <http://hotsites.sct.embrapa.br/prosarural/o-programa>.

Para mais informações O projeto de ILPF é desenvolvido em oito unidades da Embrapa. Consulte a programação de eventos na unidade corresponde à sua região. 

REGIÕES	UNIDADE DA EMBRAPA	COORDENADOR REGIONAL	CONTATO
PR (Norte e Oeste), SP e MS	Gado de Corte	Armindo Neivo Kichel	(67) 3368-2000
MG, RJ e ES	Milho e Sorgo	Ramon C. Alvarenga	(31) 3027-1100
MA e PI	Meio Norte	Marcos Lopes	(86) 3089-9100
GO e MT	Arroz e Feijão	Flávio Wruck	(62) 3533-2110
DF, TO e BA	Cerrados	Robélio Leandro Marchão	(61) 3388-9898
RS, SC e PR (Sul)	Trigo	Renato Fontanelli	(54) 3316-5800
PA, AM, AP, RR, RO e AC	Amazônia Oriental	Paulo Fernandes	(91) 3204-1000
PE, PB, CE, SE, AL e RN	Semi-Árido	Gustavo Ribeiro Pereira	(87) 3862-1744

No final de maio, mais dois frigoríficos brasileiros foram autorizados pelas autoridades sanitárias chinesas a exportar carne de frango para aquele país. O Brasil passa a contar agora com 24 estabelecimentos credenciados.



FOTOLIA / OLGA LYUBIKINA

Apesar de não ser o principal produtor (a China está na dianteira), o Brasil é o que possui maior potencial de crescimento no setor da **aquicultura**. Segundo a FAO, a previsão é de que, até 2030, o Brasil produza anualmente 21,3 milhões de toneladas de pescado. Atualmente, a produção é de cerca de 220 mil t de peixes e 65 mil de camarão. O consumo gira em torno de 7 kg/habitante/ano.

Fonte: Portal do Agronegócio.

NOVAS FRONTEIRAS

A pecuária leiteira nacional quer crescer e se multiplicar

O volume de leite produzido, que há dez anos girava em torno de 18 bilhões de litros, está próximo dos 27 bilhões, resultado do aumento do rebanho (calculado em 21 milhões de cabeças) e dos níveis de produtividade. Do lado de fora da porteira, a venda de lácteos para o exterior é um dos destaques: em 2008 as exportações somaram US\$ 540,88 milhões, 80,91% a mais do que no ano anterior.



PULSAR IMAGENS / DELEIVA MARTINS

Além de números, o que impressiona na pecuária leiteira nacional são as oportunidades que podem ser geradas a partir da crescente profissionalização do setor. Posicionado como sexto maior produtor mundial de leite, atrás de Estados Unidos, Índia, China, Rússia e Alemanha, o Brasil abriga 1,3 milhão de pecuaristas envolvidos na atividade, dos quais 80% são de pequeno porte. Juntos, eles respondem por 25% do total do leite produzido. “Se esses produtores forem incentivados a participar de programas para melhoria no manejo do rebanho, da pastagem, da genética animal, por exemplo, podem tornar o negócio mais eficiente”, prevê Jorge Rubez, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite, a Leite Brasil.

A produtividade do rebanho, embora tenha evoluído nos últimos anos, permanece aquém da de outros países. Dados consolidados pela Embrapa Gado de Leite mostram que, em 2007, os índices alcançaram 1,25 tonelada por animal ordenhado. Nos Estados Unidos, foi de 9,22; na Alemanha, 6,92; e na França, 6,24. Excluído

o fato de que nessas regiões os produtores recebem pesados subsídios para encher o balde, os números ilustram que há um enorme potencial a ser trabalhado.

Essencial para consolidar a presença brasileira no mercado internacional de lácteos, o crescimento da produtividade é importante também para fazer frente ao crescimento interno. O aumento da renda nos últimos anos impactou positivamente no consumo dos produtos da cadeia, entre os quais figuram, além do leite integral e em pó, queijos, leite condensado e os fermentados. Há cerca de cinco anos, informa o presidente da Leite Brasil, o consumo per capita anual era de 120 litros (lácteos transformados em litros de leite). Atualmente, está em torno de 140 litros. A Organização Mundial da Saúde recomenda que a ingestão do produto, para a prevenção de doenças como a osteoporose, seja da ordem de 200 litros por ano.

Outro desafio de bom tamanho é acabar com a informalidade, que ameaça tanto a saúde do consumidor como a imagem da cadeia

do leite. O percentual de leite vendido sem inspeção chega hoje a 30% da produção nacional, revela Jorge Rubez.

BALDE CHEIO

Esse é nome do projeto de transferência de tecnologia da Embrapa Pecuária Sudeste, que vem contribuindo para o desenvolvimento da pecuária leiteira. Desde 1997, foram atendidos dois mil pecuaristas em 14 estados e formados centenas de extensionistas. Também é objetivo do *Balde Cheio* capacitar técnicos locais que repliquem o pacote tecnológico proposto pela Embrapa.

O plano de ação inclui tecnologias agropecuárias, ambientais e gerenciais. O médico veterinário Marco Aurélio Bergamaschi explica que o projeto atua em pontos de estrangulamento da produção leiteira a pasto. Um deles, diz respeito ao volumoso (pastagem). “O produtor não encara a pastagem como uma cultura que exige nutrientes. Esse é um dos paradigmas que tentamos modificar”, diz. Além de manejo mais eficiente da pasta-

gem, o projeto propõe melhorias no manejo dos animais, escolha de raças mais produtivas, adoção de gestão financeira e zootécnica. “A questão ambiental também é trabalhada, com a preservação de mananciais, a recuperação de Áreas de Preservação Permanente e o plantio de árvores.”

Em algumas fazendas atendidas, revela Marco Aurélio, a produtividade por animal chegou a 20 litros por dia (cinco mil litros/ano). “Tudo isso a um custo de produção abaixo da média brasileira”, destaca. A participação no *Balde Cheio* está vinculada a parcerias com entidades públicas ou privadas locais, as quais cabem os custos da implementação e execução do projeto. 🚗

Interessados em conhecer o **Balde Cheio** devem entrar em contato com a Embrapa Pecuária Sudeste pelo telefone (16) 3411-5600, ou pelo e-mail sac@cppse.embrapa.br.

É tempo de homenagear você, Agricultor.

Tempo de semear respeito,
admiração e gratidão.

inúclio

Para a Bunge, comemorar o Dia do Agricultor, celebrado no dia 28 de julho, é mais do que uma simples lembrança. É um momento de satisfação, onde podemos reafirmar nosso compromisso diário com você, com a qualidade do seu trabalho, da sua terra e, principalmente, com a qualidade de vida da sua família e da sua comunidade. Nossa longa parceria é percebida não somente em palavras, mas em cada produto, cada serviço, cada ação social ou ambiental realizada em conjunto. Porque a Bunge sempre soube: o combate à fome e o desenvolvimento sustentável do País, passam pelas suas mãos.

Obrigado por cultivar nossa terra e nossa esperança em um futuro melhor.

Homenagem da Bunge ao Agricultor.

BUNGE

BUNGE no campo

Publicação da Bunge para os produtores rurais.

Av. Maria Coelho Aguiar, 215
– Bl D – 5º andar
São Paulo (SP) – 05804-900
Projeto e coordenação:
Diretoria de Comunicação
Corporativa Bunge

Supervisão: Valdecil Silva
Criação e edição:
Luc Comunicação Integrada (11)
5044-6099
Graziela Silva (Edição),
Eduardo Matsuda (Diagramação).

Pré-impressão e Impressão:
Editora Gráficos Burti
Certificação Cadeia de
Custódia FSC
Tiragem: 20.300 exemplares.



Fontes Mistas

Grupo de produto proveniente de florestas
bem manejadas e fontes controladas
www.fsc.org Cert no. SW-COC-003192
© 1996 Forest Stewardship Council

O selo FSC é a garantia
de que a madeira
utilizada na fabricação
do papel deste jornal
provém de florestas
bem manejadas e outras
fontes controladas.